

INTRODUÇÃO ÀS ENTREVISTAS

Nesta quinta edição da Revista daGaveta, o dossiê-entrevistas propõe um mergulho nas potências críticas e criativas da literatura infanto-juvenil e dos quadrinhos — dois campos artísticos e pedagógicos que, embora nem sempre ocupem lugar de destaque nas discussões acadêmicas tradicionais, revelam-se como territórios férteis de linguagem, sensibilidade e reflexão.

O dossiê se integra ao espírito da revista: valorizar o encontro entre diferentes vozes e posicionar os estudantes de graduação como agentes na construção da ponte entre a academia e o mundo. Agradecemos aos entrevistados por compartilharem generosamente suas experiências, e aos estudantes entrevistadores. As entrevistas reunidas aqui se constituem como registros de trajetórias e saberes, e, sobretudo, como práticas de escuta, diálogo e mediação do saber.

da GAVETA

revista da graduação em letras unirio



Ondjaki nasceu em Luanda em 1977. É licenciado em Sociologia pelo ISCTE (Portugal) e doutorado em Estudos Africanos (L'Orientale, Napoli/Itália). Prosador e poeta, também escreve para cinema. É membro da União dos Escritores Angolanos. Recebeu os prêmios Sagrada Esperança (Angola, 2004); Conto – A.P.E. (Portugal, 2007); FNLIJ (Brasil, 2010 e 2014); JABUTI juvenil (Brasil, 2010); prêmio José Saramago (Portugal, 2013) e prêmio Littérature-Monde (França, 2016) com o livro "Os Transparentes". Suas obras estão traduzidas para francês, espanhol, italiano, alemão, inglês, sérvio e sueco. Atualmente é colunista da revista literária *Quatro Cinco Um*; ocasionalmente, é professor de escrita criativa. No âmbito do Dossiê de entrevistas da revista *DaGaveta* (2025), escolhemos Ondjaki pela sua ampla criação dentro do universo infanto juvenil, que se estende a livros, peças e personagens que marcam gerações de leitores. Seu primeiro livro infanto juvenil *Ynari: a menina das cinco tranças* foi escrito em 2002, sendo apenas o começo de seu percurso pelo universo infantil. Sua última publicação do gênero, *Os olhos grandes da menina pequenina* foi publicado em 2024 em conjunto com a ilustradora Carla Días pela Editora Ímã.

(Entrevista realizada por Íris Silveira em encontro presencial no dia 15 de novembro de 2024 com o escritor)

Em alguns dos seus livros, a memória da infância e o cenário de Luanda na década de 1980 se fazem muito presentes. Em alguma medida você pensa na sua própria infância no processo de escrita e ao imaginar o público leitor dos seus livros infantis?

Olha, não é que eu pense, eu sinto muito essa... não só energia, é uma espécie de viagem, não? Se eu for escrever sobre a minha infância, há uma parte do autor que tem que viajar no tempo e estar lá, mas não é pensando no público, é porque é uma infância que é avassaladora. Portanto, se eu conto uma história de infância, naturalmente vivo e estou perto de uma realidade que é esse lugar. Eu penso na infância não como um tempo, mas como um lugar. Então para mim às vezes é preciso ir a esse lugar como quem vai a uma cidade, e eu às vezes vou a uma cidade chamada “infância”.

É natural, mas não é a única, minha, singular, só eu; eu gosto de dizer que eu trabalho com a memória coletiva. É por isso que o meu conceito de *Os da Minha Rua* (citando o título do livro), são todos aqueles que de alguma maneira afetiva estavam perto. Portanto, é natural, não é por pensar no público. Eu tenho alguns livros infantojuvenis que não são autobiográficos e não falam da minha infância, são livros de ficção pura e dura.

Eu quando sinto que uma história está indo para o caminho de se tornar um livro infantil, eu não quero que a criança que vá ler o livro receba uma voz de criança a contar-lhe a história. Eu quero que ela receba a minha voz, seja ela qual for, e que possa sonhar e que o livro não seja chato. Isso, sim, é uma preocupação que eu tenho ao escrever um livro para criança; para adulto não tenho essa preocupação. Eu não quero escrever um livro chato. Escrever um livro chato para uma criança é matar outros livros e outras leituras, porque a criança pode começar a não gostar de ler.

O quão diferente é escrever e publicar um livro infantil, comparado a um romance, ou livro de memórias, por exemplo? Levando em consideração tanto o processo de escrita quanto a recepção e expectativas da obra.

Olha, sinceramente, procuro não me orientar pelas expectativas, eu acho que o único caminho que uma pessoa tem quando vai publicar um livro é acreditar naquilo que está a escrever, fazer uma revisão cuidadosa, isto para quê: para que quando publiques o livro, tu, autor ou autora, estejas absolutamente descansado em relação àquilo que escrevestes. Estando descansado, não vais fazer uma avaliação do livro dessa maneira: quantos gostaram, quantos não gostaram, etc...

A preocupação que tenho é a diferença basicamente de escrever para os mais novos é ter algum cuidado com a linguagem. Quando digo isso, não é para evitar palavrões, não, mas acho que é um cuidado um pouco maior com a arrumação das palavras. Justamente por essa preocupação, não quero que uma criança abra um livro meu e tenha uma experiência chata ou menos interessante. E acho que o autor se encher de objetivos antes de escrever um livro mata a qualidade estética do livro. A questão é: foi pertinente ou não para contar a história.

O livro infantil presume a ilustração como parte do texto; ela tem o poder de complementar a leitura e dar o tom. Quando você escreve, já imagina as imagens que vão compor o livro? E quando a escolha do ilustrador é sua, como é esse diálogo, se há, até chegar à versão final e como você faz essa escolha?

Não concordo com esse pressuposto de que o livro infantil tenha que ou deva ter texto e imagem. Por quê? É preciso muita habilidade, mas há autores que fazem um bom livro infantil só com palavras, há outros que fazem um bom livro infantojuvenil só com imagens. É difícilimo apresentar um livro só com a imagem, sem a palavra escrita, não é? Por várias razões, mesmo a criança quando abre o livro ela pressupõe que aquele livro tem um conteúdo gráfico escrito, e às vezes não é assim. Ficar só com o texto sem imagem não tem nenhum problema. O que eu estou a querer dizer é que não acho que a relação entre texto e imagem tenha que ser uma relação de esclarecimento, como um apoio ao texto escrito.

O que eu acho que é um bom livro infantojuvenil ou infantil moderno é quando a ilustração e o texto estabelecem uma relação dinâmica onde tu já

da GAVETA

revista da graduação em letras unirio

não consegues perceber o que recebestes de palavras e o que recebestes da imagem; portanto, é uma dança. Por isso que eu acho que, às vezes, quando o próprio escritor é também ilustrador, a harmonia é um pouco maior, mais intensa. Respondendo à segunda parte: como é que se escolhe? Como é que se dá essa conversa? Primeiramente, não imagino NADA quando estou a escrever, nem estilo. Agora, quando estou a rever e a reescrever, eu começo a imaginar a história, a ver: peraí, isto é uma aquarela, por exemplo. Isso é só um exercício pré imaginação, o que eu faço é seguir o meu instinto. Eu tenho uma história, há ilustradores que eu conheço, ou que não conheço antes. Às vezes é um golpe de sorte, mas eu tenho muito cuidado, pois eu não quero ilustrações explicativas. Quando sou eu que vou buscar algum tipo de ilustração para um livro meu, eu quero sempre alguém que seja já muito bom, eu quero que a imagem faça crescer o livro. Se ela é um mero suporte, o livro não cresce.

da GAVETA

revista da graduação em letras unirio



Flávia Lins e Silva nasceu no Rio de Janeiro, Brasil, mas sempre sonhou em viajar pelo mundo. Formou-se em jornalismo, imaginando ser um dia correspondente internacional. Como isso não aconteceu, acabou inventando uma personagem que ama viajar e sofre de gulodice geográfica: a Pilar. Com uma rede mágica, Pilar viaja pelo mundo com seu mais-do-que-amigo Breno e seu gato Samba, descobrindo os mitos mais antigos da humanidade. Além de escrever a série *Diário de Pilar*, Flávia Lins e Silva é a criadora dos *Detetives do Prédio Azul*. Já escreveu mais de dez livros para crianças e, em 2011, ganhou o prêmio de melhor livro infantil da Fundação Nacional do Livro (do Brasil) com *Mururu no Amazonas*. E em 2023 publicou o infantojuvenil *Desplumada* pela Ímã Editorial, projeto que foi sua tese de mestrado. Como roteirista, já escreveu séries, seriados e novelas. Trabalhou por 16 anos na TV Globo, depois se tornou roteirista independente, criando a série *DPA* em 2012 *Valentins* em 2016 (com Cláudia Abreu); a série de animação *Diário de Pilar* em 2020; entre outros projetos para crianças e adultos. Em 2024 o livro *Diário da Amazônia Urgente* vai virar filme e vem aí o filme *DPA 4*. Como adora se aventurar pelo mundo, Flávia fez algumas viagens de mochila nas costas. Aos 16 anos, fez intercâmbio numa fazenda em Wisconsin, nos EUA; aos 18 anos, foi ser babá de crianças na Alemanha e na Itália. Atualmente, mora em Portugal, onde nasceu sua filha Paloma. Depois de estudar jornalismo, Flávia fez pós-graduação na UAB de Barcelona em Literatura infantil e concluiu o Mestrado na Roehampton, do Reino Unido, em Literatura infanto-juvenil, em 2017.

A série da Pilar tomou uma grande dimensão, com dez livros, nove destinos e um caderno de viagens. O tamanho e popularidade da série levaram a adaptações audiovisuais e teatrais. Para um trabalho tão extenso, houve a criação de todo um universo dessa personagem. Como é esse processo de criação de um mundo literário e como criar continuidade e coesão dentro dele?

Pilar habita o meu imaginário desde 2001. São mais de vinte anos inventando viagens e aventuras, seja nos livros, na série animada ou no filme. São sete livros na série *Diário de Pilar* e 3 livros antes de ser diário. Em maio de 2025 sai *Pilar no México*.

Nada acontece da noite para o dia. São duas décadas pensando no mundo dela. Pilar sempre vai descobrir algo da mitologia local em suas viagens. Ela se interessa pelo outro, pelo diferente, pelo desconhecido e vai para o mundo de peito aberto. Breno é seu pé no chão. Mais lógico, mais desconfiado. Eles são diferentes e se complementam. O gato Samba, indomável, assim como o pai ausente, faz também com que Pilar se mova pelo mundo.

Cada livro da série da Pilar conta com um destino diferente (Grécia, Amazônia, Machu Picchu, Índia...) e, junto com a personagem, o leitor vai descobrindo mais sobre a cultura de cada lugar. Como é feita essa pesquisa e o que você considera na hora de pensar em quais informações passar para os leitores, tratando-se de um público infantil?

Primeiro, leio muitos mitos da cultura do país (ou dos países) pelos quais Pilar vai passar. Depois, estudo o mapa e vou pensando na aventura que vai conectar os mitos. As informações dos boxes eu só crio depois da trama já pronta. São um complemento, podem ser lidos ou não.

Você chegou a visitar algum desses lugares antes de escrever sobre eles?

Alguns sim, outros não.

Os livros dos *Detetives do Prédio Azul* ficaram famosos pela série da Globo, com 22 temporadas gravadas até agora e quatro filmes de longa-metragem (*DPA 4* estreia em 2025). Como é para você a adaptação para o audiovisual e como é passar as imagens antes imaginadas para um cenário real?

No caso do DPA, primeiro escrevi a série (de televisão). Na Pilar, primeiro vieram os livros. A adaptação é sempre outra obra. Há que se ter um certo desapego.

No caso dos roteiros, existe alguma equipe que te auxilia? E existe um grau de alteração entre o texto e a atuação e decupagem do material já filmado?

Mais de quinhentos casos num único prédio. Coisa de loucos! Sim, há sempre cerca de cinco pessoas na equipe. Eu faço os argumentos e as escaletas e a equipe desenvolve os roteiros. Sempre tem. Em geral, escrever livro é um trabalho mais autoral, tem fluxo de pensamento, entramos muito na cabeça da personagem. Já o audiovisual é muito movido pela ação, pelos diálogos e é uma obra mais coletiva, com o diretor, atores... Então são obras muito diferentes mesmo.

da GAVETA

revista da graduação em letras unirio



Cora Ottoni é quadrinista, ilustradora e roteirista. É autora de obras como Corenstein, Graphic MSP: Denise - Arraso, A Colher e Os Zeladores do Tempo, além de ter atuado como roteirista em publicações como DJOU, de Flávia Lins e Silva e Renata Richards. Acumula diversas indicações ao prêmio HQ Mix e ganhou o prêmio de melhor publicação de tiras pelo LeBlanc de 2020. Na animação, ela já foi diretora ou supervisora de arte em desenhos animados como Irmão do Jorel, Giga Blaster, Johnny Test, entre outros. Parte de seu trabalho é dedicado ao público infanto-juvenil, como as ilustrações do projeto Dog Secret, focado em crianças de 8 anos. Nesse bate-papo, Cora falou um pouco sobre sua carreira, seu processo criativo e o mercado editorial de quadrinhos.

(Entrevista realizada através de mensagens por Clara Villanova, Melissa Soares e Tales Borges em novembro de 2024)

Houve algum tipo de influência, pelo contato com alguma obra específica por exemplo, que tenha lhe inspirado a escolher a ilustração, dentre os diferentes meios que um artista pode escolher para se expressar, como carreira profissional?

Além dos gibis da Turma da Mônica, que fizeram parte da minha infância e da de tantas outras gerações, tem algumas obras que me marcaram e influenciaram a escolha de seguir na ilustração/quadrinhos. A principal delas foi a coleção de livros infanto juvenil, *Desventuras em Série*, de Lemony Snicket e do ilustrador Brett Helquist. Lembro de tentar copiar as artes do livro para ver se conseguia aprender alguma coisa. Amo o estilo dele e por muito tempo sonhei em “ser ele” (risos). Quando era criança/pré-adolescente, colecionava as revistas *Recreio* em que, além de muita ilustração acompanhando as matérias, tinham tirinhas de artistas brasileiros, alguns dos quais já esbarrei em eventos de quadrinhos. Como trabalho com animação também, os desenhos animados do Cartoon Network dos anos 90/00 me influenciaram muito, principalmente no humor e no estilo visual.

Você poderia explicar um pouco sobre o seu processo criativo? Quais seriam as considerações principais quando você elabora roteiro e ilustrações para serem impressas em formato de livro? Elas diferem quando o trabalho é destinado ao formato de série animada, como em *Giga Blaster*?



Quando eu estou trabalhando com uma história em quadrinhos, geralmente eu tenho uma autonomia muito maior do que quando trabalho com animação, já que esta é uma indústria, com muitas pessoas, áreas e cargos diferentes. A mesma pessoa que cria a história não é, necessariamente, a pessoa que, por exemplo, anima os personagens. Nas minhas tirinhas de humor autobiográficas, meu processo começa com a ideia, que pode surgir depois de uma situação cômica que passei, da leitura de um livro ou do final de um filme. Varia muito, mas geralmente é algo voltado pro humor. Com a ideia, eu esboço a composição e o *layout* dessa tirinha: onde entra cada

da GAVETA

revista da graduação em letras unirio

personagem, cada balão de fala, quantos quadros serão, qual o tamanho deles, como será a expressão dos personagens etc. A partir daí eu parto para a finalização com nanquim e marcador.

Quando eu trabalho em um projeto encomendado, ou seja, em que há um cliente com um briefing, a ideia vem de fora e aí cabe a mim estudar o cliente, o projeto e as liberdades que eu tenho para, só então, eu esboçar e partir para a finalização. Nesse tipo de projeto eu costumo pesquisar referências e buscar inspiração em sites como Pinterest.

Já meu trabalho na animação, que se alterna entre roteirista e desenhista de cenários, eu costumo ter menos liberdade criativa, já que o projeto geralmente tem tanto um estilo narrativo quanto um conceito visual prontos. Cabe a mim escrever ou desenhar conforme as necessidades de cada episódio. Dependendo do projeto pode ser fácil por estar na minha zona de conforto ou pode ser difícil caso, por exemplo, o estilo de desenho seja bem diferente do que eu estou acostumada. De todas as formas, eu gosto bastante desse tipo de desafio e de fazer parte da indústria brasileira de animação.



Quais editoras você mais indica para quem quer seguir trabalhando com ilustrações? Como foi a sua primeira experiência com esse mercado e quais são as suas principais dicas para quem quer ingressar nessa área?

Na verdade, eu não começaria indicando editoras para quem está começando a trabalhar com ilustração ou quadrinhos. No mercado brasileiro de quadrinhos, por exemplo, a maior parte começa a se autopublicar de forma independente, frequentar eventos da área, se tornar conhecida e, só então, procura ou é encontrada por editoras. Inclusive, a prática é que você chegue com um trabalho pronto para que uma editora possa te publicar. Isso até pode variar, mas é raro. No campo da ilustração de livros, minha recomendação é que você abuse das redes sociais e internet para mostrar seu trabalho. Dessa forma você não só estará criando um portfólio online, como também pode fazer seu trabalho chegar nas editoras que procuram profissionais com seu estilo.

Eu comecei exatamente assim: postando na internet, fazendo publicações independentes (inclusive através de financiamento coletivo, muito comum no meio) e, só depois de muito trabalho publicado, eu fui chamada para trabalhar com a Mauricio de Sousa Produções, na publicação Graphic MSP: *Denise - Arraso*, publicada em 2022 pela Panini. Isso me abriu muitas portas! Depois fui chamada para publicar com a JBC que abraçou o projeto das tirinhas autobiográficas de humor *Corenstein* e re-editou o primeiro volume que já estava esgotado, tem planos de re-editar o segundo volume e de lançar um terceiro inédito.

Para quem quer ingressar na área, aqui vai umas dicas: poste seu trabalho na internet, frequente feiras de quadrinhos e ilustração, conheça o que outras pessoas estão produzindo, troque contatos e se organize bastante (principalmente com as finanças!), porque é uma área difícil e instável, mas que, no final das contas, compensa demais.

Por anos, o mercado editorial de quadrinhos foi dominado por um determinado perfil de artista. Hoje o cenário de quadrinhos independente, no Brasil, parece estar aquecido e dando destaque para mais artistas e histórias diversas. Quais as dificuldades que ainda se enfrenta nesse meio? E quais foram seus desafios como artista independente no início de carreira?

da GAVETA

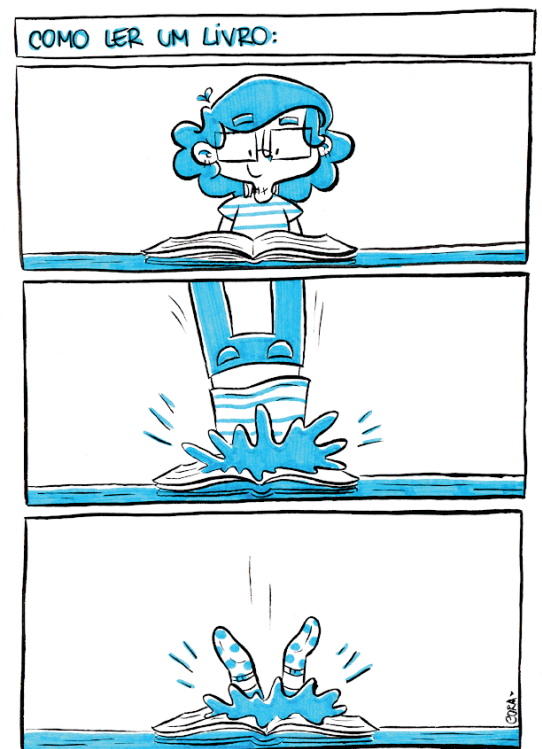
revista da graduação em letras unirio

Por mais que, de uns anos para cá, o mercado tenha evoluído e se diversificado bastante, ainda é, em sua maior parte, dominado por homens cis branco héteros que continuam fechados em suas bolhas de profissionais iguais a eles. Vemos isso principalmente em editoras onde, quase sempre, a maior parte das publicações são de autores que não contribuem para uma diversidade no meio. As premiações também, por consequência, acabam premiando menos mulheres, pessoas LGBTQ+, autores fora do sudeste, negros, indígenas, justamente porque nós, essa “minoria”, não temos tanta visibilidade nem status quo. A maior dificuldade que enfrentamos é sermos vistos num ambiente onde quem tem o dinheiro para publicar parece estar cego para a gente. São poucos os editores que querem quebrar essa corrente e muitos artistas incríveis para serem publicados. Estes editores, então, têm que se virar nesse jogo do mercado editorial para dar conta de incluir diversidade no meio.

Dentro do mercado independente, você acaba vendo um meio muito mais diverso do que nos catálogos das editoras, justamente porque nós queremos contar nossas histórias e corremos atrás, por conta própria, para que o público leitor consiga ler o que temos para contar. Apelamos para financiamento coletivo, publicações de tiragem baixa, zines e o que mais for necessário para colocar as ideias no papel. Eu, particularmente, sou apaixonada pelo mercado independente de quadrinhos e é justamente ele que move a cena e que inclui a diversidade que precisamos ter.

No início, quando me tornei uma artista independente, tinha muita dificuldade na divulgação do meu trabalho, em entender como o mercado funciona (achava que se eu batesse na porta de uma editora e ela gostasse de mim ia jogar dinheiro na minha cara para eu produzir do zero um trabalho e, infelizmente, não é assim que funciona) e como organizar as finanças para me autoproduzir. De tanto correr atrás de suprir essas minhas dificuldades, fui me aperfeiçoando em áreas que eu nunca achei que iria me especializar, como é o caso das finanças (risos). Hoje em dia eu sou chamada em eventos para aplicar oficinas de “Educação Financeira para Quadrinistas”.

Várias vezes me senti colocada de lado enquanto homens com um trabalho de menor qualidade eram publicados e premiados. Isso já me



da GAVETA

revista da graduação em letras unirio

desanimou muito, mas costumo dizer que a raiva me move. Em 2023, durante a premiação do HQ Mix, me juntei a outros artistas e juntos lideramos um protesto pela quantidade ínfima de minorias vencedoras do prêmio. Acabou que em 2024 a organização recebeu as críticas e muita coisa melhorou. O que, infelizmente, fez essa “grande maioria” (entre aspas porque somos mais do que eles) de consumidores e críticos falarem que houve falha interna e que os jurados estavam “comprados”. Quando não somos premiadas é porque somos ruins, mas quando somos premiadas é porque o prêmio falhou. Ou seja, aos olhos deles, somos sempre ruins. É com esse tipo de coisa que eu comecei a lidar lá atrás, no início da minha carreira, e continuo enfrentando agora; mas hoje em dia já não tenho mais medo de me impor e lutar pelo meu lugar e pelo lugar de vários outros artistas incríveis.